

O MUNDO VISTO DE ROMA: SOBRE A EXORTAÇÃO APOSTÓLICA SACRAMENTUM CARITATIS

(ROMA - O Vaticano publicou em 10/07/2007, documento afirmando que a Igreja Católica é, sempre foi e será a única igreja de Cristo).

Côn. José Luongo da Silveira¹

No dia 22 de fevereiro de 2007, o Papa Bento XVI apresentou ao episcopado, ao clero e leigos da Igreja Católica Apostólica Romana uma exortação apostólica, denominada de *Sacramentum Caritatis*. O texto doutrinal, *exortação*, que não tem a força de uma encíclica, contudo, junte o episcopado, clero e leigos católicos romanos, confirmando assim o seu caráter de obrigatoriedade. A mencionada *exortação* aborda temas difíceis e complexos, com a posição de um conservadorismo intransigente, tais como: a volta da missa tridentina em latim, saída do baú do tempo, do canto gregoriano, das confissões auriculares, da proibição de recasados receberem a Santa Comunhão e de cristãos não-católicos participarem, da hospitalidade eucarística, entre outros. Bento XVI, através de *motu próprio*, retorna ao Concílio de Trento (1545-1563), com as suas implicações. Não nos esqueçamos que o propósito do Concílio de Trento era combater a reforma protestante e reafirmar a doutrina tradicional da Igreja Católica. Convém frisar que com a escolha do Cardeal Ratzinger para a sucessão do Papa João Paulo II, a Igreja Católica optou por uma linha conservadora. É inegável que a Igreja Católica, mormente o episcopado e os cardeais do conclave conheciam muito bem as posições defendidas pelo prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé. A Igreja Católica no Brasil já tinha experimentado na própria carne a linha dura do Cardeal Ratzinger, quando perseguiu os religiosos progressistas frei Leonardo Boff e o bispo emérito de São Félix do Araguaia, dom Pedro Casaldáliga. Os cristãos não-católicos já conheciam o Cardeal Ratzinger pelo documento *Dominus Iesu*, com a sua carga de conservadorismo e intransigência e os não-cristãos ficaram sabendo de suas idéias no episódio de Ratisbona, o que causou tanto mal-estar no mundo islâmico e depois foi atenuado com a visita à Turquia. Com a eleição de Bento XVI, o colégio cardinalício visivelmente quis que a igreja católica se voltasse mais para dentro de si mesma, mas que isso significasse também uma volta ao passado e à ortodoxia da fé católica. Até onde irá Bento XVI, não sabemos, contudo, não há estranheza com as decisões tomadas recentemente pelo pontífice e não haverá surpresas se através de um outro *motu próprio* venha encerrar todo o clero católico-romano dentro da velha sotaina preta. O papa pacientemente (se diz que a igreja não tem pressa) vai movendo as suas peças e vai

¹ Clérigo anglicano da Diocese Sul-Occidental, IEAB.

E-mail: joseluongo@via-rs.net

descaracterizando as grandes reformas do Concílio Vaticano II. Uma parcela considerável da igreja, principalmente os católicos europeus saudosistas e os lefebvristas estão vibrando com a *Sacramentum Caritatis*. Para eles, essa guinada para o passado é obra do Espírito Santo, que está movendo a igreja para o que ela já foi. Quanto ao sacramento da eucaristia, centro da vida da igreja e sinal de unidade fica cada vez mais restrita a sua participação. Da mesa eucarística não poderão participar muitos católicos romanos que celebraram um segundo casamento (divorciados-casados) e nesse caso, é bom frisar que as estatísticas apresentam como uma grande parcela da população e em todos os países. Da eucaristia já não podiam antes participar os cristãos não-católicos pela edição repetida de normas canônicas, agora, renovada pela *Sacramentum Caritatis*, torna-se contundente e inarredável essa proibição. Vejamos:

“(...) a Eucaristia não manifesta somente a nossa comunhão pessoal com Jesus Cristo, mas implica também a plena comunhão (*communio*) com a Igreja; este é o motivo pelo qual, com dor mas não sem esperança, pedimos aos cristãos não católicos que compreendam e respeitem a nossa convicção, que assenta na Bíblia e na Tradição: pensamos que a comunhão eucarística e a comunhão eclesial se interpenetrem tão intimamente que se torna geralmente impossível aos cristãos não católicos terem acesso a uma sem gozar da outra. Ainda mais desprovida de sentido seria uma concelebração verdadeira e própria com ministros de Igrejas ou Comunidades eclesiais que não estão em plena comunhão com a Igreja Católica.” (*Sacramentum Caritatis*, 56).

Isto significa que mesmo que alguns padres católicos permitissem que cristão não-católicos, em circunstâncias especiais, comungassem em suas igrejas, o que vinha ocorrendo como louvável prática da hospitalidade eucarística, agora, renovada a proibição, tal procedimento pode acarretar punição ao clérigo faltoso. Nós cristãos não-católicos não mais vamos nos aproximar da mesa eucarística na igreja católica, porque esta não nos quer partilhado dos mistérios do corpo e do sangue de Cristo, como uma antecipação da unidade do reino de Deus. Como poderemos estar juntos um dia na plena comunhão, se nos é negada a partilha “... *na comunhão, no partir do pão e nas orações*” (*At 2.42*). Como, se participamos de um único batismo? Essa decisão é dolorosa, mas perante a Igreja Católica somos cristãos de segunda classe, não estamos na única igreja verdadeira de Cristo, porque a Igreja Católica nunca renunciou a esta condição, apenas o Concílio Vaticano II aceitou a idéia de que o Espírito Santo também sopra sobre as outras igrejas. Mesmo porque numa abordagem eclesiológica confinante, a Igreja Católica defende a idéia de que a maior parte das igrejas cristãs, mesmo as igrejas

históricas, não podem ser chamadas de igrejas, mas sim de comunidades eclesiais.

Fala-se em ecumenismo, em aproximação entre as igrejas, fala-se em caminhar juntos na chamada do Espírito, ora, o ecumenismo e a unidade almejada entre as igrejas não significa simbiose, osmose, absorção, supressão das diferentes confissões religiosas e muito menos apartheid religioso, mas, sim, em partilhar juntas nas riquezas das diferentes tradições religiosas, que se iniciou com o pecado da divisão e agora se transforma num dom de Deus.

O Espírito de Deus age de forma misteriosa, apesar deste quadro doloroso, ainda temos a esperança de caminhar juntos e através de um diálogo amoroso e fraterno esquecer as nossas diferenças, para que a oração de Cristo se faça presença num mundo tão dividido e pluralista – ***que todos sejam unos***, em comunhão viva.